

O FIM DO MUNDO CABERÁ NUM FOLHETIM?

Will the end of the world fit into a serial?

Giorgio de Marchis¹

RESUMO: No século XIX, fenômenos astronômicos e a consequente preocupação com o fim do mundo tomavam conta do imaginário popular e ganhavam espaço em jornais europeus e brasileiros. As consequências e superstições relacionadas ao temor do apocalipse transitavam entre a informação objetiva e as crenças, em um momento marcado pela fé no progresso, mas também com raízes nas manifestações religiosas ou místicas populares. Desse rico húmus nutria-se o folhetim.

PALAVRAS-CHAVE: Apocalipse; mística; folhetim.

ABSTRACT: In the 19th century, the astronomical phenomena and the worry about the end of the world took up the popular imaginary and took place in the European and Brazilian newspapers. The consequences and the superstitions related to the fear of the apocalypses circulated between the objective information and the beliefs, in a moment particularized by the faith in the progress, and also with its roots in the religious manifestations and popular mystiques. This rich humus nourished the serial.

KEYWORDS: Apocalypses; mystique; serial.

Anunciaram e garantiram que o mundo ia se
[acabar.
Por causa disso a minha gente lá de casa
[começou a rezar
e até disseram que o sol ia nascer antes da
[madrugada.
Por causa disso nessa noite lá no morro não se
[fez batucada.
Acreditei nessa conversa mole,
pensei que o mundo ia se acabar
e fui tratando de me despedir
e sem demora fui tratando de aproveitar.
Beijej na boca de quem não devia,

¹ Docente da Università degli Studi Roma Tre.

peguei na mão de quem não conhecia,
dancei um samba em traje de maiô
e o tal do mundo não se acabou.
Chamei um gajo com quem não me dava
e perdoei a sua ingratidão
e festejando o acontecimento
gastei com ele mais de quinhentão.
Agora eu soube que o gajo anda
dizendo coisa que não se passou.
Vai ter barulho e vai ter confusão
porque o mundo não se acabou
(José de Assis Valente, *E o mundo não se acabou*)

No poema “Amor”, publicado em 1935 no volume *As Encruzilhadas de Deus*, o poeta português José Régio afirmava que “o universo cabe nos seis centímetros dum verso” (RÉGIO, 2006, p. 154). Tamanha confiança do autor dos *Poemas de Deus e do Diabo* nas possibilidades da poesia está na origem do título deste artigo: se o universo todo cabe num verso, o fim do mundo poderá tipográfica e ideologicamente ser descrito no espaço reduzido do rodapé de jornal que se costuma chamar folhetim?

É evidente que a ideia do fim do mundo não é uma invenção contemporânea. Pelo contrário, a cultura judaico-cristã, com a sua visão monolínica do tempo, — alheia à palingênese cíclica dos cultos pagãos, — elaborou um paradigma de Morte e Ressurreição que, pelo menos desde o *Apocalipse* de São João, — que, por sua vez, se insere dentro da grande tradição profética judaica, — influencia profundamente a ideia ocidental de futuro. Em época moderna, de resto, o *Apocalipse* de São João deixou de ser um texto religioso para se transformar numa metáfora, num paradigma ideológico tão resistente que o teólogo alemão Wolfhart Pannenberg chegou a afirmar que a concepção apocalíptica da história é o fundamento de todo o pensamento histórico ocidental. Metáfora, modelo interpretativo ou paradigma ideológico, “apocalipse” não é uma palavra qualquer, mas uma maneira de pensar o tempo e uma perspectiva específica através da qual interpretar o destino da humanidade. Deste ponto de vista, o historiador italiano Augusto Placanica já mostrou como os termos “catástrofe” e “apocalipse”, a partir do século XVII, se foram progressivamente aproximando, tornando-se, a partir do século XX, praticamente sinônimos de

um evento trágico que rompe uma continuidade, subvertendo ao mesmo tempo a sua qualidade:

Quello che però risulta interessante, verso i tempi nostri, è la marcia di avvicinamento di due parole tra loro lontane, catastrofe e apocalisse, a un medesimo universo di significati. Entrambe sono ormai entrate nel quadro dei significati dolorosi; (...) La demarcazione tra i due termini s'è fatta oggi tanto esile che quasi essi coincidono. Tutt'al più si può immaginare che la catastrofe sia l'evento di cui l'apocalisse fornisce il modello (PLACANICA, 1993, p. 83-4).

Contudo, mesmo indicando com ambos os termos um cataclisma gravíssimo, a metáfora apocalíptica pressupõe uma perspectiva escatológica, onde passado, presente e futuro se fundem num desenho mais amplo. A catástrofe, pelo contrário, nada pede às suas vítimas e nada lhes promete; cabe a elas, se quiserem (e se sobreviverem), imaginar um depois porque a catástrofe em si não o garante.

Além desta ausência de um depois predeterminado, há um segundo elemento de diferenciação bastante significativo: a força do apocalipse reside no seu conhecimento prévio, é uma profecia que todo o mundo conhece e desde sempre aguarda. Pelo contrário, a catástrofe é um evento imprevisível, que nos surpreende: o apocalipse, portanto, convida os fiéis para a oração, a catástrofe é surpreendentemente inexorável. Sendo o apocalipse um modelo, então é um modelo previsto; enquanto a catástrofe, sendo apenas um acontecimento, é imprevisível.

Estas considerações prévias são indispensáveis para analisar a reação que, em meados do século XIX, provocou na imprensa internacional (e, mais especificamente, como se verá, nos jornais cariocas) a notícia de um iminente fim do mundo. Provavelmente, hoje poucos lembram-se do cometa que a 13 de junho de 1857 devia acabar com o nosso planeta, mas essa funesta profecia espalhou-se por todo o mundo com uma força e uma rapidez impressionantes. Eis o que acerca deste episódio se lê numa Enciclopédia popular italiana publicada passados mais do que dez anos:

Cometa di Carlo Quinto. — Di questa cometa parliamo, non perché abbia qualche importanza in astronomia, ma pel gran rumore che di essa si levò negli anni passati. Nei primi

sei mesi del 1857 non si parlava d'altro in tutto il mondo civile che della cometa che doveva apparire il 13 giugno, e le tristi conseguenze di questa apparizione, predette nell'Almanacco del canonico di Liegi Matthieu Laensberg, si erano diffuse colla velocità dell'elettrico in Europa non meno che nell'Asia, nell'Antico come nel Nuovo continente; e dovunque si temevano funestissimi avvenimenti e pressochè il finimondo (COMETE, 1869, p. 146).

O progresso do conhecimento científico e dos instrumentos de observação permitiram, ao longo do século XIX, testemunhar a passagem de um grande número de cometas e meteoritos e eventos deste gênero eram sempre amplamente noticiados na imprensa popular. Jornais e revistas informavam regularmente os seus leitores através de artigos que Roberta Olson e Jay Pasachoff dividem em três categorias: satírico-humorísticos, realístico-descriptivos e visionários. De facto, apesar dum maior conhecimento destes fenômenos astronômicos, a fascinação para com os cometas e a supersticiosa preocupação acerca das suas nefastas consequências não mudaram ao longo do século XIX, como confirmam, de resto, os pavores que a passagem do cometa Halley, ainda em 1910, provocará em todo o mundo.

Antes disso, em 1857, assistiu-se à passagem de sete cometas sobre os céus da Europa, alguns deles muito brilhantes, mas nenhum assustador como um cometa que nunca chegou a passar: o temível cometa de Carlos V, — que os parisienses aguardavam com muita apreensão, como revelam tanto as célebres gravuras que nesse ano Honoré Daumier realizou para o jornal satírico *Le Charivari*, ridicularizando o interesse e a credulidade popular dos cidadãos da capital francesa, quanto um artigo do correspondente do *Harpers Weekly*, que descrevia nestes termos a situação em Paris e nos seus arredores: “Women have miscarried, crops have been neglected; wills have been made; comet-proof suits of clothing have been invented; a cometary life insurance company (premiums payable in advance) has been created” (GINGERICH, 1992, 167).

A razão de tanta preocupação teve na sua origem uma série de cálculos astronômicos errados e foi a consequência de assustadoras profecias que nesses cálculos encontraram fundamento científico. A maioria dos modernos astrônomos considerara o brilhantíssimo e enorme cometa aparecido em março de 1556 como sendo o mesmo cometa já visto em 1264.

Tratando-se de um cometa periódico, a terceira passagem estava prevista para o ano de 1848, mas o facto do cometa não aparecer nessa altura levou dois astrônomos, o holandês Bomme e o inglês John Russel Hind, a fazer novos cálculos, que chegaram à conclusão de que o cometa Carlos V, com a sua enorme cauda, voltaria a aparecer de novo entre agosto de 1856 e agosto de 1860. Um jornal parisiense deu amplo destaque à notícia, acrescentando, porém, à passagem do cometa a possibilidade, insinuada por um anônimo astrólogo alemão, do seu impacto contra a Terra. Como revela a leitura da edição de 6 de junho de 1857 do jornal australiano *The Sydney Morning Herald* (e cita-se um jornal australiano, como se poderia citar o californiano *Sacramento Daily Union*, apenas para dar uma ideia do interesse mundial sobre a questão):

The prediction of the German has spread over Europe with amazing rapidity, and that it is a matter of conversation in every class of society. It is calculated that in Paris no fewer than 300 persons every night look through huge telescopes for the expected visitor (THERE IS..., 1857, p. 4).

Entretanto, o cometa não voltou a aparecer nunca mais simplesmente porque o cometa de Carlos V não era periódico e tornou-se “the Great Non-Comet of 1857” (GINGERICH, 1992, p. 169). Os cálculos errados de Bomme e Hind tornaram-se, porém, assustadores porque alguém reparou que, no *Almanaque* profético do cônego de Liege Matthieu Laensberg, se preanunciava a chegada dum cometa por volta do dia 15 de junho de 1857. A previsão do *Almanaque* belga levou um jornalista francês a interpretar como catastrófica a passagem do cometa (sendo provável que o anônimo astrólogo alemão tenha sido mera invenção jornalística para dar mais destaque à notícia) e esta interpretação acabou por reforçar as profecias dum padre protestante, John Cumming, da igreja presbiteriana escocesa.

Padre Cumming é hoje desconhecido, mas, entre 1832 e 1879, na Londres vitoriana foi um dos mais apreciados e influentes pregadores, chegando a ser 9.000 os membros da sua igreja em Covent Garden e centenas os fiéis que cada domingo assistiam à sua missa. Autor de 180 livros, as obras do reverendo Cumming publicavam-se tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos e as suas ideias espalhavam-se por todo o Império Britânico. No entanto, além de uma evidente hostilidade para com a Igreja católica, o tema que Cumming maiormente debate é precisamente o fim do mundo; um assunto que, como afirmam Ellison e Engelhardt, “was a favorite topic for

many Victorian preachers” (ELLISON; ENGELHARDT, 2003, p. 376). São à volta de trinta as obras, entre livros e panfletos, de cariz apocalíptico assinadas por Cumming, todas elas publicadas entre 1840 e a década de setenta. Na maioria dos casos, Cumming analisa profecias bíblicas que considera já acontecidas no passado, mas não faltam profecias que ele julga em plena realização a partir de cataclismas aos quais assiste ao longo da sua vida: a revolução francesa de 1848, a carestia das batatas na Irlanda dos anos quarenta, as epidemias de cólera de 1849 e 1853 e a peste bovina de 1866. Fatalmente, os cálculos errados de Bomme e Hind, interpretados à luz do Almanaque de Liege, induziram Cumming a interpretar também o cometa de 1857 como sendo mais um dos sinais celestes a anunciar o fim do mundo de que o padre tratava, já em 1855, no seu livro *Sign of times or Present, Past and Future*.

Em suma, os cálculos errados de dois cientistas, interpretados à luz dum almanaque profético, foram divulgados por um jornal francês de grande difusão. A notícia assustadora, graças aos avanços tecnológicos, espalhou-se de Paris por toda a Europa atingindo os cantos mais remotos do planeta; finalmente, a iminente catástrofe ganhou uma dimensão apocalíptica graças à exegese bíblica dum influentíssimo padre presbiteriano. Uma mistura letal de ciência, tecnologia, meios de informação, religião e cultura popular. Todos estes ingredientes contribuíram a tornar credível uma hipótese sem nenhum fundamento e, na primavera de 1857, o fim do mundo parecia estar realmente ao alcance da mão...

Em breve, começaram a aparecer várias obras que, misturando astronomia e Sagradas Escrituras, encararam a questão em termos alarmistas ou eventualmente apaziguadores — *The Great Comet, Now Rapidly Approaching Will it Strike the Earth?*, *The Comet by an anonymous Tartar* ou *The Comet and its consequences* (todas elas publicadas em Londres nos meses que precederam a suposta chegada do cometa); a imprensa periódica, pelo contrário, manteve-se geralmente céptica e firme numa posição muito crítica para com a superstição popular e, sobretudo, atacou com veemência os tardios profetas do século XIX. De resto os jornais oitocentistas tinham a nítida consciência de participar numa cruzada contra a ignorância: “The power of the Press to abate the superstitions and foolish terrors of mankind is one of its most valuable uses” (1857, p. 4), se lê no artigo já citado do *Sydney Morning Herald*. Uma cruzada que, neste caso, começa com um artigo de Louis Figuier, publicado no *La Presse* a 23 de fevereiro de 1857, contra os “quimériques terreurs” provocados pelas “absurdes bavardages” (FIGUIER, 1857, p. 3) dum jornalismo charlatão. O que é que escreve o autor de *As*

maravilhas da ciência no jornal fundado por Émile de Girardin? Simplesmente afirma que não há nada de verdadeiro, nada de verossímil e nem sequer nada de sensato na notícia “qui remplit toutes le têtes et qui agit toutes les langues” (FIGUIER, 1857, p. 3). E a seguir, depois de ter demonstrado a impossibilidade de prever a passagem de um cometa e avaliado em termos estatísticos a insignificante probabilidade de um astro impactar contra o nosso planeta, conclui, citando o astrónomo Babinet, que de qualquer maneira um impacto contra um cometa não teria para a terra consequências piores do que uma mosca a embater contra um enorme trem que viaja a toda velocidade.

Esta batalha entre cientistas (Figuier, Babinet e Villarceaux, entre outros) e profetas confirma a opinião de Paolo Rossi sobre a fragilidade, em termos de construções epocais, de qualquer proposta que apresente séculos monoparadigmáticos. Não é verdade, afirma Rossi, que cada época se caracteriza por um único paradigma dominante. Mesmo o século XIX não foi apenas o século da fé incondicional no progresso, porque essa supostamente inabalável “fé média” dos intelectuais foi constantemente abalada por dúvidas e posta em discussão. Assim, se o século XIX recupera do Iluminismo a ideia de progresso para a transformar no mito do progresso como força objetiva da história, que deixa de ser uma simples possibilidade da razão humana, para se tornar numa necessidade histórica inexorável, também é verdade que esse mesmo século é fascinado pelas ruínas e caracterizado por uma concepção trágica da história. No seu magnífico ensaio, *Le rovine di Parigi*, Giovanni Macchia, de resto, analisando as obras de Charles Nodier, Baudelaire e Lamartine, já revelou, por exemplo, como para os ruínógrafos oitocentistas “la morte di Parigi appartiene [...] non al passato ma all’avvenire. È un evento che può prodursi, e la poesia sembra che prenda una nuova strada. Essa è diretta non alla descrizione di ciò che è ma a ciò che forse non sarà più” (Macchia, 2000, p. 338). Contra uma opinião simplificada do optimismo oitocentista, Macchia afirma que “il sentimento che s’era infiltrato dunque nelle coscienze ai primi decenni del secolo era quello della prossima fine del genere umano” (Macchia, 2000, p. 341). Pela afinidade temática com uma obra brasileira que a seguir se analisará, é possível lembrar neste sentido o romance *The Last Man*, que Mary Shelly publica em 1826, mas também estas considerações que Giacomo Leopardi escreveu dois anos antes numa das suas *Operette morali*:

L'universo [...] continuamente invecchia. Tempo verrà, che esso universo, e la natura medesima, sarà spenta. E nel modo che di grandissimi regni ed imperi umani, e loro maravigliosi moti, che furono moltissimi in altre età, non resta oggi segno né fama alcuna; parimenti del mondo intero, e delle sue infinite vicende e calamità delle cose create, non rimarrà pure vestigio; ma un silenzio nudo, e una quiete altissima, empieranno lo spazio immenso (LEOPARDI, 2013, p. 205).

Contudo, se existe de facto uma vocação trágica da modernidade oitocentista, também é evidente que a fé no progresso marca o século XIX. Em 1850, por exemplo, na mesma altura em que Cumming profetizava o fim do mundo, em Paris Auguste Javary publicava *De l'idée du progrès*, onde se lê:

Se c'è un'idea (...) che si può dire appartenga a un secolo, almeno per l'importanza che vi si attribuisce, e che, sia accettata o no, è familiare a tutte le menti, è questa l'idea di progresso concepita come legge generale della storia e del futuro dell'umanità (Apud BURY, 1964, p. 217).

Para perceber as reações à notícia de que no dia 13 de junho de 1857 o mundo iria acabar, é preciso, portanto, pensar no século XIX como um século de tensões que a chegada do cometa trouxe à tona. Agora, como confirma o artigo de Louis Figuier, aparecido no *La Presse* e imediatamente traduzido e publicado em vários jornais do mundo, a imprensa, na maioria dos casos, em nome dessa fé na existência de uma lei universal da história e do futuro da humanidade, nega e até ri da possibilidade do mundo acabar num dia preestabelecido. Nem sequer é preciso aguardar a popularização das teorias positivistas, a garantia dum constante avançamento para o melhor chega ao século XIX por vários caminhos que a reelaboram, em formas diferentes: Hegel e o idealismo alemão, Marx e o socialismo científico, Auguste Comte — todos eles acreditam no progresso como fenômeno inevitável (e já não só simplesmente possível) e consideram os obstáculos sempre contornáveis através da tecnologia e da Razão. As teorias de Darwin e Spencer, darão a este paradigma epistemológico uma enorme solidez científica porque, como escreve Gennaro Sasso:

La teoria darwiniana elimina ogni superstite idea che la saggezza divina determini la formazione della specie, scandandone i tempi e le fasi. Le variazioni sono determinate dal “caso”. Non c’è alcun preordinato disegno divino. Solo ai “più adatti”, però, è permesso di sopravvivere. Casualità e Necessità. La casualità recava il colpo mortale a ogni idea finalistica della natura e creazione divina del mondo. Ma la *necessità* reintroduceva, nel quadro dell’universo, l’ordine, la regolarità e una legge. Questo ordine permetteva di ribadire un formidabile argomento in favore della fede nel progresso (SASSO, 1998, p. 204).

Neste sentido, o apocalipse profetizado para o 13 de junho de 1857 é um interessante pano de fundo que é preciso considerar ao ler a conclusão de *The Origin of the Species*, livro que Darwin publicará apenas dois anos mais tarde:

As all the living forms of life are the lineal descendants of those which lived long before the Silurian epoch, we may feel certain that the ordinary succession by generation has never once been broken, and that no cataclysm has desolated the whole world. Hence we may look with some confidence to a secure future of equally inappreciable length (DARWIN, 1859, p. 489).

A tudo isto, como lembra John Bury no seu clássico estudo sobre a ideia de progresso, é preciso acrescentar a literatura popular, responsável por uma interpretação do presente que convidava os seus leitores a não se preocuparem com o temor da decadência ou com o medo duma catástrofe; inspirada pela fé nos infundáveis recursos da ciência, a humanidade, em meados do século XIX, podia e devia agora enfrentar com otimismo o futuro.

Em suma, em 1857, para quem não acreditava nas profecias de Cumming e do cônego de Liege, a ideia do fim do mundo era inaceitável e ridícula porque “qualunque prodotto culturale di genere apocalittico rimanda all’inspiegabile, al mistico, al numinoso e al sovrarazionale, in una parola al divino” (NOTTE, 2012, p. 20), categorias incompatíveis com a confiança oitocentista no progresso racional. Deste ponto de vista, o poema publicado pela revista inglesa *Punch*, a 7 de março de 1857, intitulado “*The expected*

comet”, dedicado ao Doutor Cumming é exemplar da atitude da imprensa inglesa perante a questão do fim do mundo. Um poema que tinha que ser lido acompanhado pela música de *Draw the sword, Scotland*:

Hey! A Comet’s coming, CUMMING, CUMMING,
Ho! A comet’s coming, expected very soon;
Unless folks are humming, humming, humming,
The Comet will be here on the Thirteenth day of June.
Prognostication
Spreads consternation,
And with prostration,
Old women swoon,
Thinking of the Comet, coming, CUMMING,
The Comet that is due on the Thirteenth day of June:

Because the Comet coming, CUMMING, CUMMING,
Because the Comet coming, astrologers declare, –
Silly people humming, humming, humming,
Silly people humming — will blow us into air,
Fouling this planet:
Goodness! How can it,
If we but scan it,
The spheres so untune,
By the Comet coming, CUMMING, CUMMING,
By the Comet coming and due this blessed June?

We know better, CUMMING, don’t we, CUMMING?
We are sure that any astrologer’s a loon,
Or else a knave and humbug, humming, humming,
Who says the world is coming to its end so very soon,
Three years, if not more,
Lease it has got more,
May be a lot more,
Along with the moon,
Though a Comet’s coming, CUMMING, CUMMING,
Though a Comet’s coming — possibly in June.

If the Comet's coming, CUMMING, CUMMING,
If the Comet's coming, ice will be a boon,
When the flies are humming, humming, humming
When the flies are humming on a sultry afternoon.
Hotter weather may prevail,
If it switch us with its tail,
How very like a whale,
Stung by a harpoon!
Let's us hope the Comet, CUMMING, CUMMING,
Won't come it quite so very strong as that in June
(PUNCH, 1857, p. 94).

Só tendo em conta este paradigma epistemológico, — que não é único, mas que na imprensa da época é sem dúvida majoritário, — é possível compreender a atitude dos jornais cariocas (e não só) perante a chegada do cometa de 1857. De resto, folheando as páginas dos diários daquele ano, ao contrário daquilo que afirma a já citada enciclopédia popular italiana, ninguém parece realmente acreditar na possibilidade do fim do mundo. O *Correio da Tarde*, por exemplo, a 12 de junho, apenas 24 horas antes do suposto apocalipse, publica esta breve e irônica nota da redação:

FIM DO MUNDO

Não há dúvida. É amanhã ao meio dia, que uma rebanada de cometa dismantelará toda esta história, n'um abrir e fechar d'olhos. E já não são poucos os sintomas, que hoje nos vai dando.

E, depois de elencar uma série de homicídios, espancamentos e roubos cometidos na cidade nas últimas horas, assim se conclui o artigo: “Se o Cometa der licença, quem for vivo verá o que fará a polícia para evitar que se reproduzam roubos, e atentados contra a segurança individual” (*Correio da Tarde*, 12 de junho de 1857). No mesmo dia, também *A Pátria* publica uma crônica, “*Correspondência do Rio de Janeiro*”, datada 9 de junho e assinada por “O Tribuno”, que apresenta uma conclusão no mesmo tom galhofeiro:

...achando-nos em véspera do caos, julgo que esta será a minha última missiva: de hoje a quatro dias acaba-se o mundo, e o que seremos nós? E o que será o *astrólogo* que

inventou a balela? Adeus até onde o destino nos fizer encontrar (*O TRIBUNO*, 12-13 jun. 1857).

De resto, tirando poucos exemplos, — um poema intitulado “*Juízo final. A 13 de Junho*”, aparecido no *Correio Mercantil*, e um texto publicado a 7 de junho pelo *Courrier du Brésil* e apresentado como sendo a última crônica antes do 13 de junho (mas neste segundo caso o tom apocalíptico dilui-se numa conclusão sutilmente irônica) — ninguém parece tomar muito a sério a possibilidade que o mundo acabe. Pelo contrário, o Cometa é explorado em termos comerciais; assim, tanto no *Correio da Tarde* como no *Diário do Rio de Janeiro*, anuncia-se a “interessantíssima publicação” do volume de Wandelaincourt, *O Cometa de 13 de Junho de 1857 trará acaso o fim do mundo?*, à venda na Rua da Quitanda por “uma diminuta quantia quando se trata de saber se teremos todos que preparar a nossa trouxa, ou se ainda poderemos rir-nos por algum tempo neste vale de lágrimas” (*Diário do Rio de Janeiro*, 6 de junho de 1857); da mesma maneira, o *Correio Mercantil e Instructivo Político e Universal*, a 3 de maio, informa os seus leitores que, com o título *O Cometa ou o Fim do Mundo*, “saiu à luz uma lindíssima polka para piano, com um interessantíssimo frontispício, representando o cometa e seus efeitos”;² finalmente, no dia do desastre, o teatro São Pedro de Alcântara convida os espectadores a assistir ao seu espetáculo; “morramos juntos, já que a morte é certa”, se lê no artigo publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, porque:

...será horripelmente monotono para os habitantes do Rio de Janeiro ficarem em suas casas boquiabertos, á espera que a pendula do domestico regulador lhes marque, nessa ultima oscillação, os seus ultimos momentos vitaes; e segundo anuição *as folhas*, vamos ter um lugar santificado pela denominação do apostolo que nos terá de abrir as portas da eternidade, com capacidade para tres mil individuos, onde, desde as 7 horas da tarde até ás 12 horas da noite, podem juntinhos e abrigados pelo borel do milagroso *Santo Antonio* aguardarem a realização dessa prophecia

² Na *Marmota Fluminense*, em 19 de junho, se anuncia também que a Condessa Raphael Rozwadowska, acabava de compor uma nova polka para piano para celebrar o fato de ter atravessado incólume o tremendo dia 13 de junho.

evangelica ou a frustração desse *desmiolamento astronomico* (N., 13 jun. 1857).

E o célebre café carioca A Fama do Café com Leite também se propõe como lugar mais propício para aguardar a catástrofe:

Caros freqüezes, hoje é o dia em que o estonteado e velhaco Belga predisse o fim do mundo; hoje é também o dia consagrado ao milagroso Santo Antonio; permitti pois que o Braga, proprietario da AFAMADA *Fama*, vos convide para vir a seu bem montado estabelecimento, para tomar, segundo o vosso gosto, café simples ou com leite, chocolate, sorvete, refrescos, licores, etc. etc. Ele se anima a convidar-vos por ser dia de alegria e de tristeza, por ser dia de festa e de terror, por ser enfim dia da folgança, fogueiras, bombas, foguetes, etc., etc., e de lagrimas, suspiros, lutos e mais etcoetera (B., 13 jun. 1857).

Tanto o teatro São Pedro de Alcântara, — onde se exhibia a companhia do célebre ator João Caetano — quanto o café literário A Fama do Café com Leite, onde se costumavam reunir vários literatos que escreviam os anúncios poéticos do estabelecimento, apresentam ligações muito estreitas com a Sociedade Petalógica do Rossio Grande; uma associação humorístico-literária, como é sabido, fundada pelo editor e poeta Francisco de Paula Brito. Não surpreende, portanto, que o jornal que maior destaque deu ao Cometa de 1857 e, evidentemente, achou mais cômico todo o assunto, tenha sido a *A Marmota Fluminense* dirigida pelo mesmo Paula Brito. De abril até finais de junho, são muitas as crônicas e muitos os artigos e poemas publicados neste “Jornal de Modas e Variedades” que, por trás do seu tom jocoso, defendia com vigor os valores da ciência e do racionalismo, como revela uma crônica, intitulada “O fim do mundo”, assinada por Santos Junior:

Um charlatão, inculcando-se inspirado, prophetisa que em tal tempo há-de acontecer tal cousa, e o povo logo o acredita; no emtanto que se um homem eminente annuncia alguma descoberta, ou invenção, logo o vulgo o acusa de impostor, e só quando a vê realisada é que, ainda a custo, se convence da verdade! Mas isto de fallarem que se acaba o mundo [...] já não é novo. Miller, esse famosissimo

impostor não gozou até a sua morte tanta popularidade nos Estados Unidos, por ter espalhado que a 23 de Abril de 1843, depois a 23 de Abril de 1844, e ainda a 23 de Abril de Outubro do mesmo ano, o mundo acabaria!... (Santos Junior, 24 abr. 1857).

Ou uma crítica a José Feliciano de Castilho que no *Almanach de Lembranças* tinha publicado uma profecia apocalíptica assustadora (tendo em conta a preocupação desses meses), assim comentada pelo redator da *Marmota*:

Ora, se é deste modo, segundo o douto sacerdote portuguez, que se há-de acabar o mundo: não receie o publico, que o *Cometa* venha abrasar a terra, e pior ainda no Dia de Santo Antonio. O Cometa é *cometa*, e como sendo *cometa* anda sempre faminto, bastam os carás e batatas, o mellado e as canas, os perús e os leitões da véspera de Santo Antonio, para que ele encha a barriga e deixe-nos em paz! (*O FIM*, 2 jun. 1857).

Versos humorísticos é que não faltam. Na primeira página da *Marmota* no dia 12 de junho, aparecem três poemas anônimos. “O que lhe há-de acontecer?”, que se conclui com esta quadra:

Nada, nada lhe asseguro,
E tenha d’isso certeza:
Deve só ter, por cautela,
Certos resguardos na mesa.

“Se o mundo há-de se acabar no dia 13 de Junho?”, que também se conclui com uma estrofe que nega que o mundo esteja em perigo:

Sabeis, desde que nascestes
Que o mundo se há-de acabar:
Que não é de junho a treze,
Isso vos posso afirmar.

E “O que se deve esperar do futuro?” apresenta uma curiosa solução para sobreviver à catástrofe:

Amanhã, se Deos quizer,
Fareis o que desejais;
Porém, se Deos não quizer,
De balde o tempo gastais.

Sendo certo o cataclysmo,
Dos ares á região
Subireis, ficareis n'ella,
Em uma saia-balão.

A ideia de fugir voando graças a uma saia-balão — na época na moda na Corte, apesar de muito criticada³ — já tinha sido apresentada no mesmo jornal, em 2 de junho, no poema “O cometa e as saias-balões” assinado pelo pseudônimo Belmiro:

E admirai das modas o progresso,
Que eu já agora de louvar não céssô.

A mais sublime idéa, a invenção
De mudar uma saia em um balão,
Faz que ao diluvio possa-se escapar
E no Reino da lua ir se habitar,
Onde haverão magnificas funcções
Ao ver-se a affluencia dos balões!

Mas, sobretudo, as saias-balões aparecem novamente no texto mais interessante publicado no Brasil em ocasião do episódio do Cometa de 1857: o folhetim “O Fim do Mundo”, que Joaquim Manuel de Macedo publica no *Jornal do Commercio* em 13 de junho desse ano. Trata-se de uma breve crônica onde o único sobrevivente ao desastre descreve a vida no Rio poucas horas antes da chegada do Cometa e a situação da cidade logo a seguir à catástrofe. Basicamente, é um pequeno texto narrativo (dois folhetins) que se ocupa de um episódio do quotidiano colectivo, configurando-se como um relato poético do real. Deste ponto de vista, e recorrendo à tipologia proposta por Ernesto Rodrigues, “O Fim do Mundo” é um folhetim-crônica que — apesar do autor o considerar, na altura em que o

³ Veja-se o poema “Sessão feminina” (*Marmota Fluminense*, 29 maio 1857).

publica no volume *Os Romances da Semana*, “um simples artigo de ocasião [...], que então por ventura chegou a agradar, e agora não terá merecimento algum” (MACEDO, 1873, p. 47), — se insere plenamente no contexto cultural da Sociedade Petalógica, de que Macedo fazia parte, ecoando muitos dos temas presentes nos textos publicados na *Marmota Fluminense* e a mesma atitude satírica:

Muita gente acreditou nos agoueiros, e no Brazil não faltaram crédulos, que virão com indizível terror aproximar-se o dia 13 de Junho. Foi esse o motivo do artigo, que então escrevi, e que agora reproduzo n'esta pobre coleção (MACEDO, 1873, p. 48).

No folhetim de Macedo, o único ser humano que sobrevive à passagem do cometa é o ator Martinho Correa Vasques, na época o mais célebre cômico da companhia de João Caetano, que constrói uma escada colocando todos os bancos brasileiros um em cima do outro de maneira que, aproveitando a sua alta de juro, consegue chegar facilmente até à lua graças a uma máquina voadora feita com... saias-balões. Antes da partida, Macedo descreve a vida na Corte poucas horas antes da catástrofe: o Imperador é informado através do telégrafo pelo Barão de Capanema (que, em 1852, tinha construído a primeira linha telegráfica do país e havia poucos meses fora nomeado diretor do serviço telegráfico brasileiro); o Conselho de Estado, os senadores e os deputados reúnem-se numa sessão secreta no Imperial Observatório Astronômico; o célebre fabricante de instrumentos de ótica, José Maria dos Reis, aluga telescópios aos curiosos e não falta toda uma série de referências a figuras do quotidiano da Corte que o leitor da época conhecia perfeitamente.

De regresso ao Brasil, Martinho passeia por uma Rio de Janeiro “reduzida a um ermo. Todas as suas casas estavam intactas e apenas haviam perdido as vidraças, que o calor excessivo tinha derretido; não havia mudança alguma, nem se ouvia ruído algum, mas não se sentia vida” (MACEDO, 1873, p. 67). Os seres humanos encontram-se todos petrificados e Martinho, *the last man* brasileiro, começa a vaguear por uma cidade cristalizada que permite a Joaquim Manuel de Macedo apresentar ao seus leitores um relato poético da sua realidade. Todas as referências são autênticas: o protagonista do conto vai aos ensaios das *Minas da Polônia* no teatro São Pedro de Alcântara (nessa semana realmente no cartaz do Teatro), entra no café Fama do Café com Leite, visita a Sociedade Petalógica, onde vê o Paula Brito “com

os olhos fitos em um número da *Marmota*, em que zombara do cometa” (Macedo, 1873, p. 71); entra na Câmara Vitalícia e se dirige ao *Jornal do Commercio*, onde encontra Joaquim Manuel de Macedo morto, “conservando porém derramada no semblante a satisfação que sentira ao ver que estava livre de escrever a “Semana” do domingo, que era o dia seguinte” (MACEDO, 1873, p. 74). Perante um cenário tão desolador, Martinho desabafa desesperado: “Tudo portanto estava acabado! Eu era o unico vivente que se achava na cidade muito leal e heroica; oh! Tive vontade de chorar desesperado, como Mario nas ruínas de Carthago!” (MACEDO, 1873, p. 78). No texto de Macedo o leitor encontrará um final surpreendente que não vale a pena adiantar porque o folhetim merece ser lido na íntegra. Mais interessante, antes de concluir, será tentar responder à pergunta que aparece no título deste artigo: o fim do mundo cabe ou não cabe num folhetim?

A minha resposta é sim. O folhetim, como qualquer folhetinista sabe, deve ser antípoda da gravidade e o seu autor, que não se pode conceder o luxo de escrever para ninguém, poderá sempre falar do nada. Agora, a partir do momento em que o fim do mundo torna-se uma hipótese inconsistente, transforma-se em mais um nada de que falar mas de que toda a cidade fala, eis que o folhetinista de talento pode transformá-lo num assunto para o rodapé do seu jornal, continuando assim a conversar sobre o nada com os seus leitores. O apocalipse, em suma, poderá caber num folhetim, sempre que se transforme num episódio banal e risível do quotidiano da sociedade que consome esse mesmo folhetim. Uma sociedade que no dia do apocalipse poderá assim dar um suspiro de alívio e sorrir dos seus pavores, lendo na conclusão do folhetim do *Jornal do Commercio*, as últimas palavras de Martinho:

apezar da dôr que sinto nas costellas, dou graças a Deus; porque hoje é o dia 13 de Junho e não há de acabar-se o mundo (MACEDO, 1873, p. 86).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

B. A Fama do Café com Leite e o 13 de junho de 1857. *Diario do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1857. p. 2, 5 col.

BURY, John. *Storia dell'idea di progresso*. Milano: Feltrinelli, 1964.

COMETE. *Supplimento Perenne alla Nuova Enciclopedia Popolare Italiana*. Torino-Napoli: Unione Tipografico-Editrice, 1869, p. 145-153.

CORREIO DA TARDE, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1857.

CORREIO MERCANTIL E INSTRUCTIVO POLÍTICO E UNIVERSAL. Rio de Janeiro, 3 de Maio de 1857.

_____, 12 de junho de 1857.

CUMMING, John. *Signs of Times; or, Present, Past and Future*. Philadelphia: Lindsay and Blakiston, 1855.

DARWIN, Charles. *On The Origin of Species by means of natural selection*. London: John Murray, 1859.

ACABA de sair.... *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 6 jun. 1857, p. 3, 1 col.

ELLISON, R. H.; ENGELHARDT, C. M. Prophecy and Anti-Popery in Victorian London: John Cumming Reconsidered. *Victorian Literature and Culture*, 31.1, (2003), p. 373-89.

FIGUIER, Louis. Sciences. La comète du 13 de jún. *La Presse*, Paris, p. 3, 23 fév.1857.

GINGERICH, Owen. *The Great Copernicus Chase and other adventures in astronomical history*. Cambridge: Sky Publishing Corporation & Cambridge University Press, 1992.

HUBERT, Ad. Dernière chronique avant le 13 de juin. Fin du monde. *Courrier du Brésil*, Rio de Janeiro, 7 jun. 1857.

LEOPARDI, Giacomo. Canticò del gallo silvestre. In: *Operette morali*, Milano: Mondadori, 2013. p. 201-5.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Os Romances da Semana*. Rio de Janeiro: Garnier, 1873.

- MACCHIA, Giovanni. *Le rovine di Parigi*. Milano: Mondadori, 2000.
- SESSÃO FEMININA. *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, 29 maio 1857.
- BELMIRO. O cometa e as saias-balões. _____. Rio de Janeiro, 2 jun. 1857.
- SE O MUNDO há de se acabar no dia 13? _____. p. 1, 12 jun. 1857.
- O QUE DEVE esperar do futuro? _____. p. 1, 12 jun. 1857.
- O QUE lhe há de acontecer? _____. p. 1, 12 jun. 1857.
- CONGRATULAÇÃO. _____. p. 2, 19 jun. 1857.
- NOTTE, Riccardo. *Fenomenologia della fine del mondo. Science Fiction e Fantasy dall'Ottocento a oggi*. Roma: Bulzoni, 2012.
- O TRIBUNO. Correspondência do Rio de Janeiro. *A Pátria*, Niterói, 12-13 jun. 1857.
- OLSON, R. J. M.; PASACHOFF J. M. *Fire in the Sky. Comets and Meteors, the Decisive Centuries, in British Art and Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- PLACANICA, Augusto. *Storia dell'inquietudine. Metafore del destino dall'Odissea alla guerra del Golfo*. Roma: Donzelli, 1993.
- RÉGIO, José. *As Encruzilhadas de Deus*. Vila do Conde: Centro de Estudos Regianos, 2006.
- RODRIGUES, Ernesto. *Mágico folhetim. Literatura e jornalismo em Portugal*. Lisboa: Notícias, 1998.
- ROSSI, Paolo. *Naufrágios sem espectador: a ideia de progresso*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- SANTOS JUNIOR. O fim do mundo. *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, 24 abr. 1857.

SASSO, Gennaro. *Il tramonto di un mito. L'idea di "progresso" tra Ottocento e Novecento*. Bologna: Il Mulino, 1998.

N., S. Theatro de São Pedro de Alcantara. O Cometa e Santo Antonio. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 13 jun. 1857.

THE EXPECTED comet. *Punch or the London Charivari*, London, p. 94, March, 7, 1857.

THERE IS a statement in the European journals... *The Sidney Morning Herald*. THE SYDNEY MORNING HERALD, Sydney, p. 4, 2. col., June 6, 1857.

Data de recebimento: 30 out. 2015

Data de aprovação: 2 dez. 2015.